

SOBRE FILOSOFIA E HISTÓRIA EM MICHEL FOUCAULT

ABOUT PHILOSOPHY AND HISTORY IN MICHEL FOUCAULT

Flávio Fêo ¹

RESUMO: Neste artigo procuramos demonstrar que a proximidade entre Foucault e Jean Hyppolite lhe permitirá pensar uma forma singular de filosofia, em que a História tem um papel de destaque. O que caracterizará a leitura foucaultiana de Hegel, via Hyppolite, será a perspectiva de uma espécie de esvaziamento da filosofia, que tem a função de abertura ao não-filosófico, de modo privilegiado à História. Desde então, para Foucault, não se colocará o problema de uma sobreposição da filosofia sobre a história, ou, da história sobre a filosofia. A lição aprendida de Hyppolite é a de ser historiador no espaço da própria filosofia.

Palavras-chave: História; não-filosófico; pensamento; filosofia.

ABSTRACT: *In this paper we aimed to demonstrate that the proximity between Foucault and Jean Hyppolite allowed him to a singular way to think Philosophy itself, where History has an essential role. What will define Foucault's reading of Hegel, through Hyppolite, will be a sort of deflation of philosophy, which has the function of opening to the non-philosophical, in a privileged manner to History. With that being said, for Foucault there won't be an issue of the juxtaposition of philosophy over history. The lesson learned from Hyppolite is, then, that of being a historian in the space of philosophy itself.*

Key words: *History; non-philosophical; thought; philosophy.*

Introdução

A grande mudança no pensamento francês contemporâneo se realizou com a entrada em cena de Hegel. Talvez se deva dizer, com a reentrada de Hegel na França. ² Esse panorama começa a ser construído com os trabalhos pioneiros de Jean Wahl ³, ainda na década de 1920, que antecedem os famosos cursos de Kojève sobre a *Fenomenologia do Espírito* na *École Pratique des Hautes Études* de

¹ Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná; Professor da Faculdade Católica do Mato Grosso. E-mail: flaviofeo@hotmail.com; flavio.feo@facmt.com.br

² KOYRÉ, Alexandre. Relatório sobre o estado dos estudos hegelianos na França (pp. 231-259). In: KOYRÉ, Alexandre. *Estudos de história do pensamento filosófico*. 2ªed. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

³ WAHL, Jean. *Le Malheur de la conscience dans la philosophie de Hegel*. 10ª ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1951. (Texto publicado originalmente em 1929)

Paris, entre 1933 e 1939, dos quais participaram toda uma geração de intelectuais que vai de Sartre a Merleau-Ponty, passando por Bataille e Lacan.

É verdade que não se trata apenas de Hegel, afinal foram múltiplas as possibilidades de reflexão filosófica e não filosófica no século XX. A linguística, a psicanálise, a antropologia estrutural são alguns exemplos importantes. Contudo, no que diz respeito à filosofia e a inserção da História como elemento fundamental de reflexão é em Hegel e no trabalho daqueles que renovaram a sua interpretação que se pode encontrar os responsáveis por esse movimento no qual podemos situar a filosofia francesa contemporânea.⁴

No entanto, o que estes filósofos agregam à interpretação de Hegel não traz necessariamente uma nova concepção de História, embora isso também possa ser percebido como efeito, ou tenha contribuído neste sentido. O que se torna, aos poucos, critério de distinção do pensamento francês, de modo especial no pós-guerra, é uma singular compreensão de filosofia, em que se pode afirmar que a História surge como elemento fundamental.

O que aqui se propõe não será a investigação de todo este panorama. O que tratamos como uma singular compreensão de filosofia se relaciona a um dos tantos desdobramentos da filosofia contemporânea francesa, que encontra nos trabalhos de Foucault essa singularidade histórico/filosófica.

SOBRE AS LEITURAS FRANCESAS DE HEGEL

No que diz respeito à filosofia francesa contemporânea, Descombes nos explica que há uma primeira geração, devedora não só de Hegel, mas também de Husserl e Heidegger, por isso também chamada de geração 3H. Esta primeira geração que reina entre 1930 e 1960 é sucedida pela geração dos três mestres da suspeita, Marx, Nietzsche e Freud, da qual Foucault fará parte.⁵ Claro que esta classificação não passa de um artifício retórico. Os hegelianos não desapareceram depois dos anos 60. Mas o fato é que, depois desta data, eles deixaram de ser

⁴ Sem dúvida o marxismo tem um papel de extrema importância neste sentido e é justamente essa importância que leva a um renascimento das leituras de Hegel. De acordo com Descombes, uma parte do prestígio que envolve os dirigentes bolcheviques recai sobre Hegel, na medida em que, por exemplo, Lenin havia recomendado vivamente a sua leitura. Cf. DESCOMBES, Vincent. *Lo mismo y lo outro. Cuarenta y cinco años de filosofía francesa (1933-1978)*. Madrid: Ediciones Catedra, S.A, 1988, p. 28.

⁵ Ibidem.

dominantes na cena filosófica francesa. O que parece ter sido marcante é que, seja a favor ou contra, Hegel foi quem permaneceu como referência.

Podemos lembrar da crítica de Sartre a Foucault, sobre *As palavras e as coisas*, que o identificava como uma espécie de assassino da História. Em 1966, Sartre havia dito que o sucesso de *As palavras e as coisas* seria revelador de uma tendência dominante da nova geração, isto é, a recusa da História. Para ele:

(...) Foucault não nos diz o que seria o mais interessante: a saber, como cada pensamento é construído (...), nem como os homens passam de um pensamento para outro. Para fazer isso, ele teria que intervir na práxis, e assim na História, e é precisamente o que ele recusa. Claro, sua perspectiva continua histórica. Distingue períodos, um antes e um depois. Mas substitui o cinema por uma lanterna mágica, o movimento por uma sucessão de imobilizações. O sucesso de seu livro prova o que já era esperado. Mas nunca se espera um pensamento verdadeiramente original. Foucault traz às pessoas, o que elas precisavam: uma síntese eclética em que Robbe-Grillet, o estruturalismo, a linguística, Lacan, Tel Quel são utilizados, por sua vez, para demonstrar a impossibilidade da reflexão histórica. ⁶

À perspectiva de História em Sartre, Foucault classificou como totalizadora e, “sem dúvida, bastante obsoleta”. ⁷ Paradoxalmente, a geração de Sartre é também a geração de Jean Hyppolite, essa figura tão relevante para Foucault, de diversas maneiras. ⁸ Será seu professor, seu orientador, e depois Foucault o sucederá no *Collège de France*. Para esta primeira geração de filósofos franceses contemporâneos, portanto, da qual fazem parte Sartre e Hyppolite, Hegel se encontra na origem de tudo que foi feito de importante no século XX, conforme afirma Merleau-Ponty, ⁹ outro membro notável desta geração. ¹⁰

⁶ Cf. SARTRE, Jean-Paul. « *Jean-Paul Sartre répond* », *L'Arc*, nº 30, 1966, p. 87.

⁷ FOUCAULT, M. *Sur les façons d'écrire l'histoire* (pp. 613-628) In: *Dits et écrits I. 1954-1975*. Paris: Éditions Gallimard, 2001, p.613.

⁸ “Aqueles que estavam na classe preparatória para a *École normale supérieure* no pós-guerra se recordam dos cursos do Sr. Hyppolite sobre a *Phénoménologie de l'esprit*: nessa voz que não parava de se retomar como se meditasse no interior de seu próprio movimento, não percebíamos somente a voz de um professor; ouvíamos alguma coisa da voz de Hegel (...)” FOUCAULT, M. Jean Hyppolite. 1907-1968. pp. 807-813. In: *Dits et écrits I. 1954-1975*. Paris: Éditions Gallimard, 2001, p. 807.

⁹ Cf. MERLEAU-PONTY. *Sens et non-sens*. Nagel, 1948, pp. 109-110, *apud* DESCOMBES, Vincent. *Lo mismo y lo outro*. *Op. Cit.* p. 29.

¹⁰ « *La génération de Sartre et de Merleau-Ponty (c'est la même que la mienne et nous avons été condisciples à l'École Normale) a vu s'introduire dans la philosophie française - assez tardivement - l'hégélianisme et le marxisme.* » HYPOLITE, Jean. *Histoire et existence*. (pp. 973-986) In: HYPOLITE, J. *Figures de la pensée philosophique*. Paris: PUF, 1971, p. 976.

É curioso notar que na década de 1930, em um Congresso sobre Hegel, em que Alexandre Koyré falava sobre o estado dos estudos hegelianos na França, a situação era bastante diferente. Ele dizia:

*Temo um pouco que, após os relatórios, tão ricos em fatos e em nomes, dos meus colegas alemães, ingleses e italianos, meu próprio relatório sobre o estado dos estudos hegelianos na França lhes pareça relativamente muito magro e muito pobre.*¹¹

Koyré em sua conferência deixa claro, que até 1930, Hegel era um filósofo romântico rejeitado pelos intelectuais franceses. Algumas décadas mais tarde e o próprio Koyré acrescenta ao texto da conferência um *post-scriptum* onde constata:

*Desde a publicação deste relatório (1930), a situação de Hegel no mundo da filosofia europeia, e particularmente francesa, mudou completamente: a filosofia hegeliana conheceu um verdadeiro renascimento, ou, melhor, ressurreição, e só perde para o existencialismo ao qual, aliás, ela às vezes procura se unir.*¹²

Como disse Descombes, em 1945 a roda girará de novo e Hegel voltará a figurar no topo da importância e do interesse dos filósofos.¹³ Para Koyré, as razões dessa renovação do hegelianismo são múltiplas:

*Por um lado, poderíamos invocar a evolução normal cíclica ou espiralóide do pensamento filosófico que, após um "retorno a Kant", realizou um retorno a Schelling, a Fichte e, finalmente, a Hegel: poderíamos invocar, por outro lado, a "aceleração da História", promovida – segundo Hegel – à condição de juiz supremo do homem e de sua ação; finalmente – last not least – a emergência da Rússia soviética como potência mundial e as vitórias dos exércitos e da ideologia comunistas.*¹⁴

Koyré também não deixa de frisar que esse neo-hegelianismo francês é bastante diferente do hegelianismo clássico e dos neo-hegelianismos que o precederam, na medida em que ele se inspirou fundamentalmente na

¹¹ KOYRÉ, Alexandre. *Relatório sobre o estado dos estudos hegelianos na França. Op. Cit.* p. 231.

¹² *Ibid.* p. 256.

¹³ DESCOMBES, Vincent. *Lo mismo y lo outro. Cuarenta y cinco años de filosofía francesa (1933-1978)*. Madri: Ediciones Catedra, S.A, 1988.

¹⁴ KOYRÉ. *Ibid.* p. 257.

Fenomenologia do Espírito que, “na obra de Hegel (...) exceto na Rússia e na Holanda, nunca teve muita influência.”¹⁵

Alexandre Kojève, por exemplo, que irá substituir Koyré na *École des Hautes Études*, apresenta para os franceses uma versão antropológica da filosofia hegeliana. É que até este momento só se conhecia o *Hegel do idealismo absoluto* e muito pouco do “hegelianismo de esquerda”.¹⁶ Como dito acima, as aulas de Kojève influenciaram toda uma geração de filósofos como Sartre e Merleau-Ponty, mas será justamente em torno desse humanismo presente na interpretação de Kojève, que se pode perceber uma cisão fundamental nessa interpretação francesa da *Fenomenologia do Espírito*. Sobre a “tradução narrativa” da *Fenomenologia* de Kojève, Descombes nos esclarece:

*Não vou discutir aqui a questão de saber se ao fazer esta tradução narrativa da Fenomenologia, Kojève deforma o pensamento de Hegel ou descobre seu significado mais profundo. Sua interpretação é humanista porque faz da História humana o lugar onde tudo o que oferece um significado deve ser decidido. Existe apenas a verdade na História. Consequentemente, não há verdades eternas, já que o mundo não deixa de mudar no decorrer da História, mas há erros que, provisoriamente, têm a aparência de verdade, e há erros que se transformam dialeticamente em verdades.*¹⁷

Este é, talvez, o ponto alto na filosofia francesa para as relações entre filosofia e História. Um movimento que Hyppolite destaca claramente, quando enuncia que, de Descartes a Bergson, a filosofia francesa pareceu recusar a História, mas que ela agora é retomada, nesta leitura à francesa de Hegel. Esta é a leitura que pode ser detectada tanto nas filosofias da existência, a exemplo de Sartre e Merleau-Ponty, quanto no marxismo que se faz presente nos mais variados círculos intelectuais franceses. Por isso Hyppolite quer deixar claro que:

É indispensável conhecer-se a visão do mundo de Hegel, seja qual for o juízo que sobre ela façamos. Segundo Hegel, História e razão interpretam-se uma através da outra. O absoluto, sem as formas que assume necessariamente na História, seria “a solidão sem vida”, e a História é aquilo com que temos de nos reconciliar. A liberdade é precisamente essa reconciliação. A liberdade hegeliana, como insistimos já, transcende o indivíduo e a sua vida privada; é uma reconciliação do homem com o seu destino, e este destino encontra na História a sua expressão. A meditação dos filósofos franceses

¹⁵ *Id.*

¹⁶ DESCOMBES, Vincent. *Lo mismo y lo outro. Op. Cit.* p. 48.

¹⁷ *Id. Op. Cit.* p. 49, (trad. nossa).

*sobre a liberdade é completamente diversa. De Descartes a Bergson, a filosofia francesa parece recusar a História.*¹⁸

No entanto, o próprio Hyppolite vai esclarecer que, se desde o fim da Segunda Guerra Mundial o pensamento filosófico francês não para de se colocar a questão da situação histórica do homem¹⁹, nem todas as leituras hegelianas têm esse viés antropológico da leitura de Kojève, presente em Sartre, Merleau-Ponty e nos marxistas, como Henri Lefebvre. Estas leituras são aquelas que compreendem a História como realização da razão absoluta, o que coincidiria com a História do homem, com a História da realização de sua liberdade e de sua desalienação. Hyppolite considera um equívoco interpretar Hegel nesta perspectiva antropológica e humanista. Para ele, a reflexão de Hegel tem um caráter mais geral sobre o ser.

A interpretação de Hyppolite é de cunho ontológico e não existencial. Ele nos explica que, com o advento do século XX e, mais precisamente com a Revolução Russa, o historicismo marxista, isto é, o princípio de uma necessidade histórica e objetiva já não é mais levado a sério. Ademais, a revolução não se estendeu aos países industrializados. A História parece não ter mais princípios de necessidade, tal qual pensaram os marxistas ortodoxos.²⁰ Afinal, além das condições objetivas é preciso considerar as condições subjetivas do movimento da História. A transformação do homem não é mais uma demanda exclusivamente condicionada a uma mudança nas formas de produção. Agora, faz-se necessária uma mudança existencial, pois, caberá ao sujeito forjar a consciência de si mesmo. É sob estas circunstâncias que se pode compreender as aproximações entre o marxismo e o existencialismo. Sobre o fundo de uma interpretação humanista de Hegel é que podemos reconhecer marxistas e existencialistas. A reivindicação de uma filosofia concreta encontra numa antropologia hegeliana sua condição de possibilidade. Mas é preciso reconhecer que não se trata de uma relação tranquila

¹⁸ HYPOLITE, Jean. *Introdução à Filosofia da História de Hegel*. Lisboa: Edições 70, 1988, p. 109.

¹⁹ « *Par contre, depuis la guerre dernière (celle où nous avons connu l'invasion, la défaite, la résistance), la pensée française, et bien entendu la pensée philosophique, n'a cessé de se modifier sur la situation historique de l'homme.* » Cf. HYPOLITE, Jean. *Histoire et existence*. Op. Cit., p. 974.

²⁰ Cf. HYPOLITE, Jean. *Histoire et existence*. Op. Cit. p. 977.

entre os adeptos de um humanismo de fundo hegeliano. A conferência de Sartre, *O existencialismo é um humanismo*, trata destas dificuldades.²¹

Todavia, para Hyppolite, reduzir o problema da História em Hegel ao problema da condição humana é empobrecedor. A lógica hegeliana não diz respeito somente à consciência humana, mas ao movimento dialético do ser em geral. Pode-se dizer que o anti-humanismo de Hyppolite está alinhado a Heidegger²² que em sua correspondência com Jean Beaufreut, *Sobre o "Humanismo"*,²³ passa a despertar o interesse dos intelectuais franceses, para além de suas posições sobre o nazismo e, mais especificamente, sobre sua ontologia fundamental em *Ser e Tempo*. A tese de Hyppolite, *Gênese e estrutura da Fenomenologia do Espírito*, já apresentava uma leitura ontológica de Hegel. Ela foi apresentada na Sorbonne, em 1946, portanto, é anterior ao texto de Heidegger; mas é inegável o fato de que Hyppolite alinhou-se à perspectiva heideggeriana no que diz respeito à via de uma leitura ontológica de Hegel. De fato, a mesma crítica a esta perspectiva humanista na interpretação de Hegel é feita à leitura de Freud.

Em artigo recente que trata das relações entre Foucault e a psicanálise e a influência de Hyppolite sobre Foucault, Carolina de Souza Noto esclarece que:

(...) essa oposição entre antropologia/humanismo, por um lado, e ontologia, por outro, é um tema que percorre quase todos os textos de Hyppolite do final da década de 40 e os da década de 50. E não é somente sua leitura de Hegel que irá insistir no conflito antropologia/ontologia. (...) vale notar que a maneira como Hyppolite lê Freud é também enviesada pelo seu interesse por Heidegger e seu ultrapassamento do humanismo via ontologia.

²⁴

O problema, no entanto, que Foucault parece perceber nos anos 60²⁵ está ligado ao risco de, ao ultrapassar a antropologia, ultrapassar também a própria História. Ainda que Foucault permaneça de acordo com Hyppolite sobre o fato de

²¹ SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. São Paulo: Abril Cultural, 1987.

²² Falando sobre a *Fenomenologia*, Hyppolite comenta: "Neste texto (tão admirável e tendenciosamente comentado por Heidegger – mas só são admiráveis estes mesmos tendenciosos) (...)" HYPPOLITE, Jean. "Fenomenologia" de Hegel e psicanálise (pp. 59-75). In: HYPPOLITE, Jean. *Ensaio de Psicanálise e Filosofia*. Rio de Janeiro: Taurus-Timbre Editores, 1989, p. 61.

²³ HEIDEGGER, Martin. *Carta sobre o humanismo*. Trad. Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Editora Moraes, 1991.

²⁴ NOTO, Carolina de Souza. O déficit ontológico da psicanálise: Foucault leitor de Hyppolite. In: *Dois pontos*, Curitiba, São Carlos, volume 14, número 1, p. 145-157, abril de 2017, p. 152.

²⁵ "Assim, se em meados da década de 50, é patente o pertencimento de Foucault a certa tradição da fenomenologia existencial, podemos nos perguntar se num livro como *As palavras e as coisas*, de 66, não é também essa tradição que será recusada e problematizada por nosso autor." *Ibid.* p. 156.

que Hegel é o responsável por lançar os grandes problemas filosóficos do nosso tempo, a saber, o problema da finitude humana e de sua inserção na História e no tempo, “a questão, porém, é a de saber se a passagem da fenomenologia à ontologia ainda consistirá, (...) [aos olhos de Foucault] uma solução possível aos impasses colocados pela filosofia hegeliana acerca do ser histórico do homem. ”

²⁶ É o que tentaremos analisar na sequência.

SOBRE O ESTATUTO DO TRABALHO FILOSÓFICO

Qual seria a alternativa? É preciso renunciar a Hegel? É neste ponto que se coloca efetivamente a questão. Afinal, como dizia Foucault a respeito de Hyppolite, onde certamente também colocava suas próprias inquietações,

Pode-se ainda filosofar, lá onde Hegel não é mais possível? Pode ainda existir uma filosofia que não seja hegeliana? O que é não hegeliano em nosso pensamento é necessariamente não filosófico? E o que é antifilosófico é, forçosamente, não hegeliano? ²⁷

Certamente existem muitas maneiras pelas quais se pode definir o trabalho filosófico. De qualquer modo, toda definição de filosofia implica na determinação do não-filosófico. Portanto, não se trata simplesmente de definir filosofia, senão também de definir a não-filosofia. Mas o que é a não-filosofia? Trata-se do inverso da filosofia?

Takashi Sakamoto, em tese de quase mil páginas sobre Foucault e a História, sugere três formas de relação entre a filosofia e a não-filosofia. ²⁸ A primeira seria definida como uma tentativa de destacar as condições transcendentais sob as quais todas as experiências se tornam possíveis. Este tipo de relação, é claro, representado pela crítica kantiana, procura estabelecer um fundamento transcendental de todos os domínios não filosóficos. A filosofia não examinaria a validade e veracidade dos domínios não filosóficos em si mesmos, mas imporá limites transcendentais e intransitáveis. Neste sentido, a filosofia dominaria do

²⁶ *Id.*

²⁷ FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Ed. Loyola, 2012, p. 69.

²⁸ Cf. SAKAMOTO, Takashi. *Le problème de l'histoire chez Michel Foucault*. Tese de doutorado – Université Michel de Montaigne/Bordeaux III, 2011. Orientação: Guillaume Le Blanc. p. 18 ss.

exterior a não-filosofia por condições *a priori* sem as quais nenhuma experiência poderia ser fundada.²⁹

Quanto à segunda forma de relação entre filosofia e não-filosofia temos um movimento contrário ao primeiro, que é o da interiorização do que é externo à filosofia. É Hegel que impeliu esse movimento de interiorização, pela dialética. Para o Hegel da *Fenomenologia do Espírito*, por exemplo, a filosofia não é senão o movimento do Espírito a partir da consciência natural, para a sua conclusão, o conhecimento absoluto, onde é realizada a unificação total entre o sujeito e os objetos de conhecimento. Ela não funda a não-filosofia, mas internaliza-a ao ponto de apagar o exterior da filosofia. Quanto a isto o próprio Foucault explica:

*Pois, se Hegel expôs o conteúdo de toda a filosofia e, finalmente, o de todas as grandes experiências da História, isso não tinha outro objetivo senão o de torna-lo imanente ao que chamamos de presente, para provar que essas experiências históricas estão presentes em nós mesmos, ou, ainda, que estamos presentes nessas experiências. Tratava-se de uma magnífica síntese da interiorização sob forma de memória. (...) Pois Hegel se considerava como um concentrado de todos os filósofos, ou ainda como a própria filosofia.*³⁰

No terceiro tipo de relação, a filosofia não busca nem fundar, nem fazer desaparecer a não-filosofia. Ela reflete sobre o que não é filosófico para mostrar a possibilidade de filosofar de outra forma. O exterior da filosofia é, portanto, uma fonte de um novo pensamento filosófico. A filosofia neste tipo de relação está enraizada na não-filosofia. Isso não significa que a filosofia esteja subordinada à não-filosofia, mas que considera o que não lhe é próprio, sem impor sua reflexão como superior a qualquer outro tipo de reflexão não-filosófica. Neste sentido, a filosofia se forma através de interações com o que lhe é exterior.

Como adverte Sakamoto, essa partilha, em qualquer dos casos, no entanto, não é óbvia e é provável que mude dependendo das respostas dadas à pergunta sobre o que é filosofia. Por isso, ela não é nem estável nem universal, mas frágil e variável.³¹

No primeiro caso, há uma fundamentação transcendental do não-filosófico. No segundo, uma interiorização, pelo movimento dialético, ou ainda,

²⁹ Idem.

³⁰ FOUCAULT, Michel. *Loucura, Literatura, Sociedade*. (pp. 232-258) In: *Ditos & Escritos I – Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011, p. 254-5.

³¹ Cf. SAKAMOTO, Takashi. *Le problème de l'histoire chez Michel Foucault*. Op. Cit. p. 19.

para dizer de um outro modo: enquanto o primeiro impõe, de fora, um conjunto de limites transcendentais à não-filosofia, o segundo penetra dentro da não-filosofia para integrá-lo ao sistema filosófico. De qualquer modo, eles têm uma coisa em comum: tanto para a fundamentação quanto para a interiorização, ou seja, para ambos, a filosofia é certamente superior à não-filosofia.

Valeria à pena tentar pensar sobre o terceiro caso, muito mais próximo do que Foucault sempre procurou fazer em suas pesquisas. Deste modo, seria nesta fragilidade entre o que é filosofia e o seu exterior que se colocaria o problema das relações entre Filosofia e História para Michel Foucault. Não se trata de procurar a essência do filosófico ou do histórico, mas de pensar as relações possíveis entre o que se pode chamar de filosofia num contexto determinado, e o seu fora, isto é, o que não é. A questão, portanto, não é a da identidade da filosofia, mas os *outros* da filosofia. Há um deslocamento do problema quando procuramos pensar a partilha entre o filosófico e o não-filosófico.

Se as posições de Foucault nos anos 50 refletiam as de seu mestre Hyppolite, talvez se possa dizer que, nos anos 60, Foucault se desprende do mestre na mesma medida em que passou a escrever sobre ele. São duas situações. Primeiro, assinando o prefácio da homenagem a Hyppolite em 1969 ³² e, depois, na aula inaugural, ao assumir a cadeira no *Collège de France*. Nestes textos em que Foucault presta sua reverência a Hyppolite, pode-se notar também a maneira pela qual a herança hegeliana recebida do mestre é rearticulada para se pensar as relações entre filosofia e não-filosofia, isto é, entre filosofia e História.

Para Foucault, Hyppolite foi o responsável por um deslocamento no interior da filosofia hegeliana, ou ainda, sobre a filosofia tal como Hegel a concebia. Para ele, "*Hegel era o lugar de uma experiência, de um enfrentamento em que não tinha nunca a certeza de que a filosofia sairia vitoriosa.*" ³³ E explica:

Em vez de conceber a filosofia como a totalidade enfim capaz de se pensar e de se apreender no movimento do conceito, Jean Hyppolite fazia dela o fundo de um horizonte infinito, uma tarefa sem término: sempre a postos, sua filosofia nunca estava prestes a acabar-se. Tarefa sem fim, tarefa sempre recomeçada, portanto, condenada à forma e ao paradoxo da repetição: a filosofia como pensamento inacessível da totalidade era para Jean Hyppolite aquilo que poderia haver de repetível na extrema irregularidade

³² FOUCAULT, M. *Jean Hyppolite. 1907-1968. Op. Cit.*

³³ FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso. Op. Cit. pp. 70.*

da experiência; aquilo que se dá e se esconde como questão sem cessar retomada na vida, na morte, na memória: assim o tema hegeliano da perfeição na consciência de si, ele o transformava em um tema da interrogação repetitiva. Mas, visto que ela era repetição, a filosofia não era ulterior ao conceito; ela não precisava dar continuidade ao edifício da abstração, devia sempre manter-se retirada, romper com suas generalidades adquiridas e colocar-se em contato com a não-filosofia. ³⁴

A filosofia nesta perspectiva devia aproximar-se do que a precede e não do que a encerra, a saber, do que ainda não foi tocado pela inquietação filosófica e ainda pode ser pensado, isto é, o seu fora. Essa forma de filosofia apresenta-se como atualidade, como inquietação, como mobilidade na medida em que se conecta com o não-filosófico, sua razão, porque não existe senão em função desse outro:

Ora, se ela existe nesse contato repetido com a não-filosofia, o que é o começo da filosofia? Já está lá, secretamente presente no que não é ela, começando a formular-se a meia voz no murmúrio das coisas? Mas, então, o discurso filosófico não tem mais, talvez, razão de ser; ou, então, deve ela começar sobre uma base ao mesmo tempo arbitrária e absoluta? Vê-se substituir-se, assim, o tema hegeliano do movimento próprio ao imediato pelo tema do fundamento do discurso filosófico e de sua estrutura formal. ³⁵

Assim, conduziu-se o pensamento hegeliano ao limite, ou ainda, fê-lo passar para o outro lado dos seus próprios limites, seguindo certa tendência que Foucault identifica tanto na lógica, quanto na epistemologia, passando por Marx e Nietzsche, que tentava escapar de Hegel “e medir em que nosso recurso contra ele é ainda, talvez, um ardil que ele nos opõe, ao termo do qual nos espera imóvel e em outro lugar” ³⁶; é portanto, nesta perspectiva que Foucault afirma que Hyppolite, ainda que hegeliano, não cessou de confrontar Hegel. E é também nesta medida que, um tanto condescendente é verdade, por estar assumindo a posição de quem o antecedeu no *Collège de France*, afirmou que assumiu ou tomou de Hyppolite, o sentido e a possibilidade do que fez. ³⁷

³⁴ *Ibid.* pp. 70-71.

³⁵ *Ibid.* pp. 71-72.

³⁶ *Ibid.* p. 68.

³⁷ *Ibid.* p. 73.

Considerações Finais

Disto resulta que a perspectiva de uma *dessubstanciação* ou *desessencialização* da própria filosofia está implícita na leitura que Foucault fez de Hegel pela via de Hyppolite. É o que ele mesmo disse na homenagem ao mestre:

O Sr. Hyppolite queria dizer sem dúvida que a filosofia jamais está atualizada nem presente em nenhum discurso, nem em nenhum texto; que na verdade a filosofia não existe. ³⁸

Uma não existência que pretende apenas indicar sua finitude, sua incompletude e, acima de tudo, colocar a questão da relação da filosofia com o que ela não é, mas sem o qual ela também não pode ser: é assim que a História aparece como lugar privilegiado onde se pode localizar a finitude da filosofia. Bem entendido, a História aqui não consiste em buscar as singularidades que marcam, por exemplo, o nascimento de uma obra. Quanto a este ponto e, sempre descrevendo o trabalho de Hyppolite, Foucault ensina:

Falar de uma obra filosófica não era para ele descrever um objeto, cerni-lo, fechá-lo em seus contornos, mas antes abri-lo, localizar suas rupturas, suas defasagens, suas lacunas, estabelecê-lo em sua irrupção e em sua suspensão, desenvolvê-lo nessa falta ou nesse não-dito pelo qual fala a própria filosofia. Daí sua posição de historiador, não fora, mas no espaço da filosofia da qual ele falava, e o apagamento sistemático de sua própria subjetividade. (...) o historiador, para o Sr. Hyppolite – esse historiador que ele próprio era –, marca o ponto de inflexão a partir do qual a filosofia pode e deve apreender a sombra que a recorta a cada instante, mas que, no entanto, a liga à sua invencível continuidade. ³⁹

Pois bem, neste texto, que é uma homenagem a Hyppolite, vemos ao entorno de duas perguntas fundamentais de Foucault sobre a possibilidade do trabalho de seu mestre, a afirmação do seu próprio trabalho. A primeira pergunta é: “A História é o lugar privilegiado no qual pode aparecer a finitude filosófica?” E a segunda: “Que relação a filosofia tem com o que não é ela, e sem o que, no entanto, ela não poderia ser?” Essas questões só podem ser respondidas na medida em que não nos omitimos a respeito da História dos historiadores. Se adquirirmos a compreensão, não apenas do que significa a História dos historiadores para Foucault, mas de qual a perspectiva da História dos historiadores

³⁸ FOUCAULT, M. *Jean Hyppolite. 1907-1968. Op. Cit.* p. 154.

³⁹ *Ibid.* pp. 155-156.

que ele mais se aproxima, será então, viável que se proponha uma resposta neste sentido, porque, enfim, não estaremos tratando da História em sua generalidade.

Trata-se da relação entre filosofia e História, ou ainda das relações da filosofia com a não-filosofia, desde que, como vimos, não convém partirmos de nenhum destes “objetos”, como dados definitivamente, isto é, como objetos naturais, mas considerarmos apenas o que se nos apresenta como contemporâneo de uma produção, de uma prática (discursiva, ou não-discursiva) irreduzível a qualquer outra. Neste sentido, pode-se pensar numa filosofia não-sistemática, isto é, menos pretensiosa de se apropriar do que ela não é, mas construída e constituída, todavia, no contato permanente com o seu outro, a não-filosofia. Sua sistematicidade poderia ser pensada em torno de novas reflexões sobre os elementos exteriores a ela e, talvez, por reflexões independentes dela. Estaríamos falando de uma forma de filosofia que se desafia, porque é capaz de contemplar novos problemas que surgiriam nos domínios não-filosóficos. Em outras palavras, essa filosofia procuraria ser contemporânea de seu tempo, ou um diagnóstico do presente. É possível que tenha sido isso que Foucault quis dizer ao final da sua homenagem a Hyppolite:

Enquanto outros viam no pensamento hegeliano o recuo da filosofia sobre si mesma, e o momento em que ela passa ao relato de sua própria História, o Sr. Hyppolite aí reconhecia o momento em que ela ultrapassa seus próprios limites para tornar-se filosofia da não-filosofia, ou, talvez, não-filosofia da própria filosofia.⁴⁰

O que é patente nesta perspectiva é, de um lado, a oposição de Foucault a toda e qualquer totalização do pensamento e, de outro, a multiplicação das formas de reflexão filosófica através da pesquisa empírica da História. Neste caso, Foucault trata da História no plural. Não há História no singular nesta perspectiva foucaultiana. Como consequência, o francês se permite pensar de novas maneiras os problemas filosóficos, ou mesmo aqueles problemas que não são originalmente filosóficos.

Colocada a questão dessa forma, podemos nos perguntar: qual a relação da História em Foucault com a História dos historiadores? Essa, nos parece ser a

⁴⁰ *Ibid.* pp. 157-158.

condição para a compreensão do estatuto da noção de acontecimento n' *Arqueologia do Saber*.

Além dos diversos textos dos *Dits et Écrits*, é na *Arqueologia do Saber*, mais exatamente na introdução, que essa questão é respondida. A produção de uma História nova, francesa e contemporânea, não passaria despercebida por Foucault. As grandes teses produzidas na historiografia dos anos 50 e 60, e as pesquisas de Labrousse, Braudel e Chaunu estão indiretamente mencionadas na *Arqueologia*. Roger Chartier esclarece sobre esse ponto:

Foucault percebe nesses trabalhos, feitos in situ e sem reivindicar nenhuma teoria explícita da História, uma dupla originalidade intelectual: em relação a uma História global fadada a narrar o “desenrolar contínuo de uma História ideal” – que é a História dos filósofos e dos avatares do hegelianismo – mas também em relação a uma História estrutural que supostamente eliminaria, com o acontecimento, rupturas e fissuras. O diagnóstico feito sobre a História tal como ela é, nos anos 1960, focaliza então a atenção sobre o conceito que mais a diferencia da herança deixada pela “História filosófica”: o de descontinuidade. ⁴¹

Mais uma vez, o que está em jogo, isto é, o que se abandona, tanto em Foucault quanto nos *Annales* é o projeto de totalização da História. Como dirá Chartier:

História nova contra “História filosófica”, os Annales contra Hegel: o destino dessa antinomia é interessante. Por um lado, foi a própria filosofia que se desligou do projeto hegeliano, considerando impossível pensar e produzir essa “filosofia da História universal” que as lições de 1830 pretendiam fundar. ⁴²

É preciso que se diga: não cabe aqui identificar, sem mais, a História em Foucault com a História dos historiadores. ⁴³ Ao contrário, a leitura que Foucault faz de Hegel, via Hyppolite, é que permite pensar não uma nova concepção de História, mas uma nova concepção de filosofia, em que a não-filosofia, especialmente a História, tem um papel fulcral.

⁴¹ CHARTIER, Roger. *À Beira da Falésia – a história entre certezas e inquietude*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002, pp. 228-229.

⁴² CHARTIER, Roger. *Op. Cit.* p. 229.

⁴³ Afinal, a que história dos historiadores nos referimos? Para Foucault a História dos historiadores que merece ser lida e retomada é a que ele chama de *histoire nouvelle*. Essa História é identificada com os *Annales*.

No final dos anos 60, de modo especial, na *Arqueologia do Saber*, Foucault parece articular uma leitura muito particular das noções de série e acontecimento, que lhe permitem redefinir o problema das discontinuidades históricas e associá-las ao seu projeto de uma análise dos discursos. Torna-se inegável um diálogo entre Foucault e os *Annales*. Neste sentido é que se pode pensar dentro de um recorte muito específico do trabalho de Foucault alguns elementos comuns entre o seu trabalho e aquele dos historiadores dos *Annales*, e de maneira privilegiada, com a História Serial de Pierre Chaunu.

REFERÊNCIAS

CHARTIER, Roger. *À Beira da Falésia – a história entre certezas e inquietude*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

DESCOMBES, Vincent. *Lo mismo y lo outro. Cuarenta y cinco años de filosofía francesa (1933-1978)*. Madri: Ediciones Catedra, S.A, 1988.

FOUCAULT, M. *Dits et écrits I. 1954-1975*. Paris: Éditions Gallimard, 2001.

_____. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Ed. Loyola, 2012.

_____. *Ditos & Escritos I – Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

HYPOLITE, Jean. *Figures de la pensée philosophique*. Paris: PUF, 1971.

_____. *Introdução à Filosofia da História de Hegel*. Lisboa: Edições 70.

_____. *Ensaio de Psicanálise e Filosofia*. Rio de Janeiro: Taurus-Timbre Editores, 1989.

HEIDEGGER, Martin. *Carta sobre o humanismo*. Trad. Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Editora Moraes, 1991.

KOYRÉ, Alexandre. *Estudos de história do pensamento filosófico*. 2ªed. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

NOTO, Carolina de Souza. *O déficit ontológico da psicanálise: Foucault leitor de Hyppolite*. In: *Dois pontos*: Curitiba, São Carlos, volume 14, número 1, p. 145-157, abril de 2017.

SARTRE, Jean-Paul. « *Jean-Paul Sartre répond* », *L'Arc*, n° 30, 1966.

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. São Paulo: Abril Cultural, 1987.

SAKAMOTO, Takashi. *Le problème de l'histoire chez Michel Foucault*. Tese de doutorado – Université Michel de Montaigne/Bordeaux III, 2011. Orientação: Guillaume Le Blanc.

WAHL, Jean. *Le Malheur de la conscience dans la philosophie de Hegel*. 10ª ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1951.